

Literatura e Autoritarismo

Experiência e Esclarecimento

APRESENTAÇÃO

EXPERIÊNCIA E ESCLARECIMENTO é o título do número 17 da *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo* do primeiro semestre de 2011. A proposta desta edição é apresentar textos que dialoguem com a tentativa de esclarecer – mediante adaptações, traduções e análises – a experiência humana em seu trânsito cultural. A noção de comunidade e das diversas implicações que a literatura e a produção cultural exercem nesse processo são discutidas nos textos aqui apresentados. Dessa forma, a preocupação em refletir sobre as mais variadas formas que as produções sobre cotidianos mais específicos e sobre enraizamentos de percepções que povoam o imaginário cultural perpassa os textos e obras analisados.

APELO DO FORA E DESENRAIZAMENTO: LEITURAS DO ÊTRE-ENSEMBLE EM MAURICE BLANCHOT, da autoria de Eclair Antonio Almeida Filho e de Amanda Mendes Casal, é o título do artigo que abre esta edição. Partindo do texto intitulado *L'Indestructible*, de Maurice Blanchot, os autores discutem a ideia de comunidade a partir da perspectiva da alteridade – a relação conflituosa e complementar do “eu” e do “tu”. Essa abordagem carrega a preocupação de enfatizar o contexto dos campos de concentração e os pontos de vista dessa realidade para além de conceitualizações que não são capazes de refletir – de maneira consistente – sobre esse momento histórico. “Duas afirmações de Blanchot surgem nesse momento. Uma exclui qualquer leitura que analise o evento de Auschwitz sob a perspectiva da reificação. É assim que Blanchot nos lembra de que o homem dos campos de concentração não pode ser comparado a uma coisa, pois até uma coisa inútil é preciosa. Outra se volta para o carrasco nazi que se esforça em extrair, violentamente, um pedaço de linguagem do homem dos campos”.

Alexandre M. Botton, Cecília de Campos França e Raimundo N. C. França assinam a autoria do artigo **ASSOMBRAÇÕES DO COTIDIANO**. A perspectiva de uma narrativa desenvolvida no âmbito de uma comunidade de camponeses oportuniza uma reflexão consistente sobre a formação de uma identidade cultural. Partindo de uma análise do livro *Vozes do Assentamento Antônio Conselheiro*, os autores procuram discutir a memória de uma noção de comunidade, alertando para “a possibilidade de intitular como mítico o elo que une intimamente a narração fática e a ficção, o acontecimento social e a subjetividade de seus personagens e, sobretudo, o cotidiano e o extraordinário. O que subjaz neste meio é a presença de elementos estáticos, indicativos de um modo de vida que, tanto na lógica do cotidiano quanto na lógica dos causos, deveria se repetir ao infinito”.

O terceiro artigo a compor esta edição, de autoria de Rosicley Andrade Coimbra, traz o título **LAVOURA ARCAICA E A LITERATURA BRASILEIRA DOS ANOS 1970: UMA NOVA PERSPECTIVA**. A proposta em analisar a obra de estreia de Raduan Nassar passa pela preocupação em contextualizar o romance – publicado em 1975 - e refletir sobre o período da ditadura militar brasileira (1964-1985). A autora comenta que “o trabalho de Nassar evidencia alguns pontos que nos levam a observá-lo sob ângulo diverso daquele que a crítica costuma fazer. (...) Sob essa perspectiva, intentamos destacar alguns pontos sobre um (possível) engajamento político de Raduan Nassar, bem como esboçar uma hipótese para uma eventual abordagem de *LA* enquanto romance inteiramente comprometido com questões de seu tempo”.

O trabalho intitulado **L'IMAGE DE LA FEMME DANS LE ROMAN LA FEMME ET LE PANTIN DE PIERRE LOUÏS ET DANS LE FILM CET OBSCUR OBJET DU DESIR DE LUIS BUÑUEL: UNE ETUDE COMPAREE**, de Luisa F. Assunção, se propõe a uma análise comparativa do romance de Pierre Louÿs *La femme et le pantin* (1898) e a adaptação cinematográfica de Luis Buñuel *Cet obscur objet du désir* (1977). A autora afirma que Pierre Louÿs e Luis Buñuel revelam, cada um em seu tempo, questões delicadas e polêmicas motivadas por fantasias e obsessões. Considerando o filme como uma livre adaptação do livro, Assunção procura refletir sobre como o tema da feminilidade é visto pelo escritor e pelo diretor, que oferece uma nova leitura do romance, realizando, assim, uma abordagem intertextual.

A OSTALGIA, O RISO, E A CARNAVALIZAÇÃO EM AM KÜRZEREN ENDE DER SONNENALEE E GOODBYE, LENIN!, de Thais Rezende Reis, visa discutir a constituição de uma comunidade igualitária sob a égide do totalitarismo. Essa contradição está presente na realidade política da República Democrática da Alemanha (RDA) que, em nome dos ideais da revolução comunista constituiu um Estado Totalitário. No entanto, a percepção positiva desse momento, a subordinação àquele contexto gerou um neologismo que evidencia a saudade daquele tempo: *ostalgie*. Ao utilizar a perspectiva da carnavalização bakhtiniana, a autora possibilita outra leitura sobre as obras ostálgicas. “Uma das críticas recorrentes às obras ostálgicas é sua classificação como obras apolíticas, por não retratarem como a RDA de fato foi. Porém, é exatamente na recharacterização da RDA que consiste a o aspecto crítico dessas obras. Ao contrário das obras anti-ostálgicas, que denunciam os horrores cometidos pelo regime do SED geralmente através de fatos realmente acontecidos e atmosfera pesada, as obras ostálgicas criticam o governo enfraquecendo-o pelo riso, através de uma atmosfera descontraída e cômica. Pois a liberdade concedida pelo riso é uma forma eficaz e possível de ridicularizar as autoridades”.

Literatura e Autoritarismo

Experiência e Esclarecimento

Leonardo Munk, no último artigo desta edição intitulado **J. M. R. LENZ E A MISÉRIA DO ESCLARECIMENTO ALEMÃO**, discute a formação humana a partir do projeto filosófico de emancipação presente nos textos de Jean-Jacques Rousseau e Immanuel Kant. O esclarecimento – também entendido como Iluminismo – oportunizou uma nova forma de valorização da sociedade em oposição à decadente realidade aristocrática. “Nesse contexto, a atribuição de um projeto único de modernidade aos pensadores e artistas do século das luzes conduziria ao erro de omissão daqueles que se pautavam pela manutenção de uma arte autônoma que acentuava a lógica interna da dimensão artística não se prendendo necessariamente a idealizações de cunho estético e moral. Caso, por exemplo, do dramaturgo Jakob Michael Reinhold Lenz, cuja obra radical denunciou, com ironia e desconfiança, a tentativa idealista de harmonizar, por intermédio da educação, uma sociedade desigual marcada pela arbitrariedade absolutista e pela violência contra as classes mais baixas. Esquecido durante muitos anos, o responsável por sua reabilitação foi Bertolt Brecht, que em 1950 encenou uma provocativa releitura da comédia *O preceptor (Der Hofmeister)*”.

Encerra esta edição uma tradução para o francês do conto A Cartomante, de Machado de Assis - **LA CARTOMANCIENNE (Machado de Assis)**. Realizado pela equipe de tradução coordenada pela professora Maria Laura Maciel Alves e composta por Luciana Iost Vinhas, Mara Karam Conceição e Marcelo Castro da Silva Maraninchi, o trabalho visa trabalhar a tradução como proposta de ensino e também como vetor para discutir as diversas perspectivas culturais oportunizadas pelo trabalho desenvolvido em grupo.

Agradecemos o envio dos trabalhos e a confiança por parte dos autores no trabalho desenvolvido pelo corpo editorial da Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo. Certamente os textos aqui publicados contribuirão para a pesquisa acadêmica e se somarão aos demais textos já publicados nos números anteriores e vindouros da publicação.

João Luis Pereira Ourique
(Organizador)